

RELAÇÃO ENTRE VINCULAÇÃO, SINTOMATOLOGIA PSICOPATOLÓGICA E BEM-ESTAR EM ESTUDANTES DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO SUPERIOR*

Sara Monteiro**, José Tavares, & Anabela Pereira

Universidade de Aveiro

RESUMO: O presente estudo investiga as relações entre a vinculação, a sintomatologia psicopatológica e o bem-estar entre estudantes que frequentam o primeiro ano do Ensino Superior. Mais especificamente, as hipóteses exploradas foram (1) a segurança da vinculação à mãe, ao pai e a outra pessoa significativa está associada negativamente à emergência de sintomatologia psicopatológica no final do 1.º semestre; e (2) a segurança da vinculação à mãe, ao pai e a outra pessoa significativa está associada positivamente ao bem-estar no final do 1.º semestre. Um total de 316 estudantes da Universidade de Aveiro preencheu a escala Avaliação de Relações Significativas, o Brief Symptom Inventory e a Échelle de Mesure des Manifestations du Bien-Être Psychologique. O evitamento em relação à mãe, ao pai e a outra pessoa significativa correlacionou-se de forma significativa e positiva com a sintomatologia psicopatológica e de forma significativa e negativa com o bem-estar. A ansiedade relativamente a outra pessoa significativa correlacionou-se de forma significativa e positiva com a sintomatologia psicopatológica e de forma significativa e negativa com o bem-estar. Na globalidade, os resultados sugerem que compreender as relações entre a vinculação e o ajustamento psicológico pode ser importante para facilitar a transição e adaptação ao ensino superior.

Palavras chave: Bem-estar, Sintomatologia psicopatológica, Transição para o ensino superior, Vinculação.

THE RELATIONSHIP BETWEEN ATTACHMENT, PSYCHOLOGICAL SYMPTOMATOLOGY AND WELL-BEING AMONG FIRST-YEAR HIGHER EDUCATION STUDENTS

ABSTRACT: This study investigates the relationships between attachment, psychological symptomatology and well-being among first year higher education students. More specifically, the hypotheses explored were (1) the security of the attachment to the mother, father and other significant person is negatively associated with the emergence of psychological symptomatology at the end of first semester; and (2) the security of the attachment to the mother, father and other significant person is positively associated with well-being at the end of first semester. A total of 316 first year higher education students completed the Avaliação de Relações Significativas, Brief Symptom Inventory and Echelle de Mesure des Manifestations du Bien-Être Psychologique. Avoidance in relation to the mother, father and other significant person was positively and significantly correlated with psychological symptomatology and negatively and significantly correlated with well-being. Anxiety relative to the

* Esta investigação foi suportada por uma bolsa de investigação atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia – SFRH/BD/16773/2004.

** Contactar para E-mail: smonteiro@dce.ua.pt

other significant person was positively and significantly correlated with psychological symptomatology and negatively and significantly correlated with well-being. Overall, the results suggest that understanding the relationships between attachment and psychological adjustment may be important in facilitating the transition and adjustment to higher education.

Key words: Attachment, Psychological symptomatology, Transition to higher education, Well-being.

Recebido em 20 de Dezembro de 2006 / aceite em 3 de Março de 2007

A transição para o Ensino Superior é encarada por muitos estudantes como um passo positivo nas suas vidas. No entanto, esta transição representa uma quebra acentuada com as rotinas e estilos de vida anteriores, bem como a adaptação a um ambiente completamente novo, envolvendo desafios académicos e psicossociais.

A natureza stressante que o papel de estudante universitário acarreta foi há muito reconhecida (Ellis, 1968). Apesar de representar uma forma natural de separação, em contraste com a separação induzida por dificuldades emocionais ou familiares, a frequência de manifestações sintomáticas verificadas durante o primeiro ano do ensino superior, quer nos jovens, quer na unidade familiar, identifica este período como altamente gerador de stress (Akgun & Ciarrochi, 2003; Arnett, 2000; Aspinwall & Taylor, 1992; Chemers, Hu, & Garcia, 2001; Pereira, 1997, 2001; Shields, 2001). Aproximadamente 75% dos estudantes que abandonam o primeiro ano do Ensino Superior não chega nunca a terminar uma licenciatura (Cuseo, 1991), o que nos leva a pensar que aquilo que acontece durante o primeiro ano do Ensino Superior é importante (Pascarella & Terenzini, 1979; Tinto, 1993).

Nas últimas duas décadas, tem havido um reconhecimento crescente da importância da qualidade das relações familiares numa adaptação bem sucedida (Kenny & Rice, 1995; Lopez & Brennan, 2000). Um número reduzido de estudos analisou a relação entre as relações de vinculação e a adaptação ao primeiro ano do Ensino Superior, embora a investigação inicial acerca desta temática seja promissora. Os resultados sugerem que jovens adultos com padrões seguros de vinculação em relação aos pais e pares demonstram melhores índices de adaptação psicológica, social e emocional ao primeiro ano do Ensino Superior do que os seus pares (Armsden & Greenberg, 1987; Bernier, Larose, & Whipple, 2005; Kenny & Donaldson, 1991; Lapsley & Edgerton, 2002; Wintre & Yaffe, 2000). Em Portugal, a vinculação em jovens adultos tem sido estudada na sua relação com a ansiedade (Silva & Costa, 2005), sentimentos de solidão (Bastos & Costa, 2005), identidade (Matos, Barbosa, Almeida, & Costa, 1999) e na sua própria evolução ao longo do 1.º ano de frequência do Ensino Superior (Ferreira, 2006). Não são conhecidos estudos em Portugal que procurem analisar as relações entre vinculação, sintomatologia psicopatológica e bem-estar.

Neste estudo procurámos estudar a relação entre as relações de vinculação e a sintomatologia psicopatológica e o bem-estar demonstrados pelos estudantes que frequentam pela primeira vez o Ensino Superior. Neste sentido, formulámos as seguintes hipóteses: (a) a segurança da vinculação à mãe, ao pai e a outra pessoa significativa estará associada negativamente à emergência de sintomatologia psicopatológica no final do 1.º semestre; e (b) a segurança da vinculação à mãe, ao pai e a outra pessoa significativa estará associada positivamente ao bem-estar no final do 1.º semestre.

MÉTODO

Participantes

Os participantes deste estudo são 316 estudantes da Universidade de Aveiro, distribuídos por diferentes licenciaturas desta Universidade: licenciaturas de Saúde (42,6%), licenciaturas de Letras (22,3%), licenciaturas de Ciências (6,8%), licenciaturas de Engenharias (9%), licenciaturas de Economia, Turismo e Gestão e Planeamento em Turismo (10%) e Design e Administração Pública (9,4%), sendo que 178 frequentam o Ensino Universitário (57,4%) e 132 frequentam o Ensino Politécnico (42,6%). Dos 316 estudantes que participaram neste estudo, 67 são do género masculino (21,2%) e 245 são do género feminino (77,5%), sendo portanto um grupo maioritariamente feminino. A idade dos participantes varia entre 17 e 38 anos, sendo a média de idades de 18,77 anos, com um desvio-padrão de 2,16. 181 (57,3%) estudantes mudaram de residência e 123 (42,6%) permaneceram na residência anterior à entrada no Ensino Superior, ou seja, a casa dos pais.

Material

As relações de vinculação foram avaliadas com a escala Avaliação de Relações Significativas (ARS), construída por Monteiro, Tavares, e Pereira (2006a), com o objectivo de permitir avaliar, separadamente, as relações de vinculação com a mãe, pai e outra pessoa significativa, em jovens adultos. Trata-se de uma escala de auto-resposta com 16 itens, onde o indivíduo deverá expressar o grau de concordância com as afirmações apresentadas, numa escala de tipo Likert, que vai desde 1 (*discordo totalmente*) a 7 (*concordo totalmente*). Avalia as relações de vinculação em duas dimensões: o evitamento e a ansiedade. O evitamento reflecte o desconforto com a proximidade nas relações, enquanto a ansiedade traduz o medo de rejeição e abandono. Os itens 1, 3, 4, 5, 8 e 11 são cotados de modo inverso. Pontuações baixas no evitamento e na ansiedade traduzem um padrão de vinculação seguro. Os estudos psicométricos realizados revelaram níveis adequados de consistência interna para a nota global da escala, variando entre 0,71 para a mãe e 0,79 para o pai, e para as duas dimensões,

variando entre 0,74 (evitamento em relação à mãe) e 0,87 (ansiedade em relação à outra pessoa significativa).

A sintomatologia psicopatológica foi avaliada através da versão portuguesa do Brief Symptom Inventory (BSI; Derogatis, 1982) traduzida e adaptada por (Canavarro, 1999). É um inventário de auto resposta com 53 itens, onde o indivíduo deverá classificar o grau em que cada problema o afectou durante a última semana, numa escala de tipo Likert que vai desde 0 (*Nunca*) a 4 (*Muitíssimas vezes*). Avalia sintomas psicopatológicos em termos de nove dimensões de sintomatologia (somatização, obsessões compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranóide e psicoticismo) e três índices globais (Índice Geral de Sintomas – IGS, Total de Sintomas Positivos – TSP e o Índice de Sintomas Positivos – ISP). Estes últimos são avaliações sumárias de perturbação emocional e representam aspectos diferentes de psicopatologia. Os estudos psicométricos efectuados na versão Portuguesa (Canavarro, 1999) revelaram que a escala apresenta níveis adequados de consistência interna para as nove escalas, com valores de alfa entre 0,62 (psicoticismo) e 0,80 (somatização) e coeficientes teste-reteste entre 0,63 (ideação paranóide) e 0,81 (depressão). No presente estudo, os valores de alfa variaram entre 0,74 (psicoticismo) e 0,88 (depressão).

O bem-estar foi avaliado através da versão portuguesa da Échelle de Mesure des Manifestations du Bien-Être Psychologique (Massé et al., 1998) traduzida e adaptada por Monteiro, Tavares, e Pereira (2006b). Trata-se de uma escala de auto-resposta constituída por 25 itens, numa escala de tipo Likert de 1 (*Nunca*) a 5 (*Quase sempre*), dividida em seis escalas: auto-estima, equilíbrio, envolvimento social, sociabilidade, controlo de si e dos acontecimentos e felicidade. Os estudos psicométricos efectuados revelaram níveis adequados de consistência interna para a nota global (0,93) e para as seis sub-escalas consideradas, com valores de alfa entre 0,71 e 0,85. No presente estudo, os valores de alfa encontrados foram de 0,94 para a nota global e variaram entre 0,64 (equilíbrio) e 0,88 (felicidade).

Procedimentos

A selecção dos participantes obedeceu aos seguintes critérios: (a) frequentar o primeiro ano do Ensino Superior; (b) nunca ter frequentado nenhuma instituição do Ensino Superior; e, (c) participação voluntária. Após a autorização dos professores, foi efectuado o contacto inicial com os estudantes, momento em que lhes foi explicado o objectivo geral da investigação e se solicitou a sua colaboração para a participação num estudo longitudinal sobre a adaptação ao Ensino Superior. Os participantes foram informados que iriam completar uma bateria de questionários no início do primeiro semestre, Novembro de 2005, e novamente no final do primeiro semestre, Fevereiro de 2006. Dos 316 estudantes que participaram na recolha de dados no primeiro momento, um total de

140 estudantes (35 homens e 105 mulheres) participaram também na recolha de dados efectuada no segundo momento. As relações de vinculação foram avaliadas no primeiro momento e a sintomatologia psicopatológica e o bem-estar no segundo momento.

Recorreu-se ao programa SPSS (versão 14.0 para Windows) para realizar as análises estatísticas.

RESULTADOS

Os resultados que apresentamos de seguida referem-se a dois tipos de análises dos dados. Num primeiro momento, apresentamos os resultados da análise descritiva das relações de vinculação na nossa amostra. Num segundo momento, apresentamos os resultados da análise correlacional sobre as hipóteses que colocámos no início do estudo.

As médias e os desvios-padrão das relações de vinculação com a mãe, pai e outra pessoa significativa para homens e mulheres são apresentados na Quadro 1. No sentido de explorar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os géneros relativamente às relações de vinculação que mantêm com a mãe, pai e a outra pessoa significativa, foram realizados testes *t* de Student para amostras independentes.

Quadro 1

Médias e desvios-padrão das relações de vinculação dos homens e mulheres

	Masculino		Feminino		<i>t</i> de Student		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Ma</i>	<i>DP</i>			
Evitamento Mãe	3,53	<i>n</i> =65	0,94	2,78	<i>n</i> =234	1,07	<i>t</i> =5,50 <i>p</i> ≤0,05
Ansiedade Mãe	3,09	<i>n</i> =67	1,22	3,53	<i>n</i> =234	1,49	<i>t</i> =-2,42 <i>p</i> ≤0,05
Evitamento Pai	3,58	<i>n</i> =64	1,25	3,51	<i>n</i> =231	1,31	<i>t</i> =0,40 <i>n.s.</i>
Ansiedade Pai	3,17	<i>n</i> =64	1,26	3,44	<i>n</i> =226	1,53	<i>t</i> =-1,40 <i>n.s.</i>
Evitamento OPS	2,46	<i>n</i> =60	0,94	2,07	<i>n</i> =231	0,92	<i>t</i> =2,86 <i>p</i> ≤0,05
Ansiedade OPS	3,86	<i>n</i> =59	1,55	4,45	<i>n</i> =229	1,59	<i>t</i> =-2,56 <i>p</i> ≤0,05

A análise da Quadro 1 permite constatar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres relativamente ao evitamento e à ansiedade quando as figuras de vinculação consideradas foram a mãe e a outra pessoa significativa. As mulheres reportam níveis mais elevados de ansiedade e os homens reportam níveis mais elevados de evitamento.

No sentido de analisar a relação entre os padrões relacionais mantidos com cada uma das figuras de vinculação, recorreremos a uma análise de correlações (Quadro 2). A análise dos dados permite constatar correlações elevadas para a ansiedade (variam entre 0,59 a 0,79) e correlações moderadas para o evitamento (variam entre 0,26 e 0,38). De salientar que a correlação entre o evitamento relativo ao pai e a outra pessoa significativa não é estatisticamente signifi-

cativa; e que se verificou uma correlação estatisticamente significativa entre o evitamento relativo ao pai e a ansiedade relativa a outra pessoa significativa (apesar de baixa).

Quadro 2

Correlações entre as relações de vinculação com a mãe, pai e outra pessoa significativa

	1	2	3	4	5	6
1. Evitamento Mãe	1	-0,05	0,38**	-0,10	0,26**	-0,04
2. Ansiedade Mãe			0,07	0,79**	-0,05	0,63**
3. Evitamento Pai				0,03	0,11	0,16**
4. Ansiedade Pai					-0,02	0,59**
5. Evitamento OPS						-0,06
6. Ansiedade OPS						

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Com o objectivo de identificar a outra pessoa significativa indicada pelos respondentes, era pedido aos participantes que indicassem o tipo de vínculo que mantinham com essa pessoa (exemplo: namorado(a), irmão, entre outros). Os resultados são apresentados na Quadro 3.

Quadro 3

Quem é a outra pessoa significativa?

	N	%
Namorado(a)	105	33,2
Irmão(ã)	88	27,8
Amigo(a)	87	27,5
Outro	19	6,0

A análise dos resultados permite constatar um ligeiro predomínio dos participantes que indicaram o parceiro romântico como a outra pessoa importante na sua vida, seguindo-se o irmão(ã) e o amigo(a).

Relações de vinculação e sintomatologia psicopatológica

Na Quadro 4, são apresentados os resultados da análise de correlações entre as relações de vinculação e a sintomatologia psicopatológica. A análise dos resultados permite-nos verificar que a ansiedade não se correlaciona de forma significativa com a sintomatologia psicopatológica, excepto quando se refere à outra pessoa significativa. Neste caso, a ansiedade correlaciona-se de forma positiva e significativa com a depressão, a ansiedade e a ansiedade fóbica. O evitamento relativamente à mãe correlaciona-se de forma positiva e significativa com a hostilidade, a ideação paranóide e o psicoticismo; o evitamento relativamente ao pai correlaciona-se de forma positiva e significativa com a depressão, a hostilidade, a ideação paranóide e o psicoticismo; e, por último, o

evitamento em relação à outra pessoa significativa correlaciona-se de forma positiva e significativa com todas as dimensões consideradas (com exceção da somatização e da ideação paranóide) e com o IGS.

Quadro 4

Correlações entre as relações de vinculação e a sintomatologia psicopatológica

		Somat.	Obs. comp	Sensib. interp.	Depres.	Ansied.	Host.	Ans. fóbica	Ideação paran.	Psicot.	IGS
Mãe	Evitamento	-0,10	0,13	0,11	0,16	0,06	0,29**	0,15	0,25**	0,29**	0,11
	Ansiedade	-0,11	-0,12	0,02	-0,008	0,03	-0,06	0,04	-0,02	-0,005	-0,08
Pai	Evitamento	-0,06	0,11	0,15	0,26**	0,17*	0,22**	0,17	0,26**	0,28**	0,15
	Ansiedade	-0,10	-0,09	0,02	0,01	0,04	-0,05	0,04	0,01	0,06	-0,06
OPS	Evitamento	0,10	0,26**	0,18*	0,22**	0,17*	0,21*	0,21*	0,12	0,17*	0,22**
	Ansiedade	0,15	0,02	0,15	0,17*	0,18*	0,10	0,18*	0,15	0,14	0,15

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Relações de vinculação e bem-estar

Na Quadro 5, são apresentados os resultados da análise de correlações entre as relações de vinculação e o bem-estar. No mesmo sentido dos resultados obtidos anteriormente, mais uma vez, a análise dos resultados permite-nos verificar que a ansiedade não se correlaciona de forma significativa com o bem-estar, excepto quando se refere à outra pessoa significativa. Neste caso, a ansiedade correlaciona-se de forma negativa e significativa com a felicidade, a sociabilidade e o controlo. O evitamento relativamente à mãe, ao pai e à outra pessoa significativa correlaciona-se negativa e significativamente com todas as dimensões de bem-estar e com o bem-estar global.

Quadro 5

Correlações entre as relações de vinculação e o bem-estar

	Felicidade	Sociabilidade	Controlo	Envolvimento	Auto-estima	Equilíbrio	Bem-estar global
Mãe	Evitamento	-0,23**	-0,26**	-0,17*	-0,19*	-0,30**	-0,31**
	Ansiedade	0,03	-0,006	-0,03	0,09	0,01	0,06
Pai	Evitamento	-0,29**	-0,20*	-0,35**	-0,25**	-0,26**	-0,23**
	Ansiedade	-0,02	-0,09	-0,05	0,02	-0,01	0,07
OPS	Evitamento	-0,30**	-0,24**	-0,24**	-0,29**	-0,26**	-0,33**
	Ansiedade	-0,17*	-0,17*	-0,17*	-0,05	-0,11	0,002

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

DISCUSSÃO

Níveis elevados de evitamento relativamente à mãe, ao pai e a outra pessoa significativa e níveis elevados de ansiedade relativamente a outra pessoa significativa (namorado(a)/irmão(ã)/amigo(a)/outro), parecem ser, segundo os resultados

deste estudo, factores de risco para a emergência de sintomatologia psicopatológica e níveis reduzidos de bem-estar, durante a fase de transição para o Ensino Superior.

Assim, as relações mantidas com a mãe, o pai e outra pessoa significativa parecem ser importantes na forma como o jovem adulto se adapta ao Ensino Superior. Estes resultados estão de acordo com algumas investigações realizadas sobre o tema (Markiewicz, Lawford, Doyle, & Haggart, 2006; Nada Raja, McGee, & Stanton, 1992; Paterson, Field, & Pryor, 1994, 1995; Wilkinson, 2004). Apesar da natureza das relações de vinculação com os pais se alterar durante a adolescência (Ainsworth, 1989) e de haver estudos que documentam a transferência da vinculação dos progenitores para os pares nesta fase de vida (Fraleley & Davis, 1997; Trinke & Bartholomew, 1997), os pais continuam a representar figuras de vinculação importantes.

Os jovens adultos podem ter relações de vinculação diferentes com cada um dos progenitores (Baldwin, Keelan, Fehr, Enns, & Koh-Rangarajoo, 1996) e são as mães, em particular, que são habitualmente apontadas como a figura parental com quem os jovens têm relações mais próximas (McCormick & Kennedy, 1994; Paterson et al., 1994). Neste sentido, talvez fosse de esperar que a relação com a mãe, e não com o pai, se associasse aos diferentes indicadores de adaptação. Os nossos dados não apontam neste sentido uma vez que sugerem a importância da relação com ambos os progenitores na adaptação demonstrada.

É de salientar a relevância da ansiedade relativamente a outra pessoa significativa no ajustamento psicológico do jovem adulto. Nesta fase de vida espera-se que o contexto dos pares e relações amorosas assumam um papel cada vez mais determinante. Talvez por este motivo e porque simultaneamente uma das tarefas desenvolvimentais do jovem adulto se relaciona com a individuação em relação à família de origem, é a ansiedade relativamente a outra pessoa significativa (namorado(a)/irmão(ã)/amigo(a)/outro) e não em relação aos pais que se mostra associado à sintomatologia psicopatológica e ao bem-estar (já que a ansiedade se traduz por um desejo de maior proximidade com a figura de vinculação).

Merece ainda referência o facto de, em conformidade com os dados obtidos, nos parecer que a qualidade das relações de vinculação dos jovens adultos, no que diz respeito à ansiedade, não depende da figura de vinculação em causa; ao contrário do evitamento, que parece variar mais consoante a figura de vinculação.

Estamos conscientes das limitações inerentes ao presente estudo. O número de estudantes que participou no segundo momento de recolha de dados constitui uma limitação metodológica que deve ser tida em conta; igualmente o facto da amostra ser constituída por estudantes apenas da Universidade de Aveiro, que obriga a uma maior atenção na generalização dos resultados. Um limite adicional está relacionado com a utilização de uma medida de auto-relato

para avaliar a vinculação, método considerado menos poderoso e revelador que o método por entrevista (Bartholomew & Horowitz, 1991; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985).

Em síntese, consideramos que o presente estudo contribui para um maior e mais aprofundado conhecimento acerca dos factores que contribuem para uma adaptação bem sucedida dos estudantes ao primeiro ano do Ensino Superior, providenciando investigação adicional ao campo de pesquisa existente acerca das relações de vinculação como factor de protecção do ajustamento psicológico e a saúde mental.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M.D.S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.
- Akgun, S., & Ciarrochi, J. (2003). Learned Resourcefulness Moderates the Relationship Between Academic Stress and Academic Performance. *Educational Psychology*, *23*, 287-294.
- Armsden, G.C., & Greenberg, M.T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *16*, 427-454.
- Arnett, J.J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, *55*, 469-480.
- Aspinwall, L.G., & Taylor, S.E. (1992). Modeling cognitive adaptation: A longitudinal investigation of the impact of individual differences and coping on college adjustment and performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*, 755-765.
- Baldwin, M.W., Keelan, J.P.R., Fehr, B., Enns, V., & Koh-Rangarajoo, E. (1996). Social-cognitive conceptualization of attachment working models: Availability and accessibility effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, *71*, 94-109.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L.M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*, 226-244.
- Bastos, M.T., & Costa, M.E. (2005). A influência da vinculação nos sentimentos de solidão nos jovens universitários: Implicações para a intervenção psicológica. *Análise Psicológica*, *18*(2), 33-56.
- Bernier, A., Larose, S., & Whipple, N. (2005). Leaving home for college: A potentially stressful event for adolescents with preoccupied attachment patterns. *Attachment & Human Development*, *7*(2), 171-185.
- Canavarro, M.C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos – B.S.I. In M.R. Simões, M.M. Gonçalves, & L.S. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (vol. 2, pp. 95-109). Braga: APPORT/SHO.
- Chemers, M.M., Hu, L., & Garcia, B.F. (2001). Academic self-efficacy and first year college student adjustment. *Journal of Educational Psychology*, *93*(1), 55-64.
- Cuseo, J. (1991). The freshman orientation seminar: A research-based rationale for its value, delivery, and content. The freshman year experience. Columbia, SC: National Resource Center for the Freshman Year Experience (ERIC Document Reproduction Service No. ED 334883).
- Derogatis, L.R. (1982). Self-report measures of stress. In L. Goldberger & S. Brenznitz (Eds.), *Handbook of stress*. New York: Free Press.

Ellis, V. (1968). Students who seek psychiatric help. In J. Katz (Ed.), *No time for youth* (pp. 318-347). San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Ferreira, I.S. (2006). A vinculação no jovem adulto e a adaptação ao ensino superior. In N.R. Santos, M.L. Lima, M.M. Melo, A.A. Candeias, M.L. Grácio, & A.A. Calado (Orgs.), *Actas do VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (vol. 1, pp. 121-136). Évora: Departamento de Psicologia – Universidade de Évora.

Fraley, R.C., & Davis, K.E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4, 131-144.

Kenny, M.E., & Donaldson, G.A. (1991). Contributions of parental attachment and family structure to the social and psychological functioning of first-year college students. *Journal of Counseling Psychology*, 38, 479-486.

Kenny, M.E., & Rice, K.G. (1995). Attachment to parents and adjustment in late adolescent college students: Current status, applications and future considerations. *The Counseling Psychologist*, 23, 433-456.

Lapsley, D.K., & Edgerton, J. (2002). Separation-individuation, adult attachment style and college adjustment. *Journal of Counseling and Development*, 80, 485-493

Lopez, F.G., & Brennan, K.A. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organization: Toward an attachment theoretical perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 283-300.

Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research* (pp. 66-104). Monographs of the Society for Research in Child Development, 50, Serial No.209.

Markiewicz, D., Lawford, H., Doyle, A.B., & Haggart, N. (2006). Developmental differences in adolescents' and young adults' use of mothers, fathers, best friends, and romantic partners to fulfill attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 121-134.

Massé, R., Poulin, C., Dassa, C., Lambert, J., Bélair, S., & Battaglini, A. (1998). Élaboration et validation d'un outil de mesure du bien-être psychologique: L'É.M.M.B.E.P. *Revue Canadienne de Santé Publique*, 89(5), 352-357.

Matos, P.M., Barbosa, S., Almeida, H.M., & Costa, M.E. (1999). Parental attachment and identity in Portuguese late adolescents *Journal of Adolescence*, 22, 805-818.

McCormick, C.B., & Kennedy, J.H. (1994). Parent-child attachment working models and self-esteem in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 23, 1-18.

Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2006a). *Measuring interpersonal relationship quality in young adulthood*. Poster apresentado na International Conference on Personal Relationships, Creta, Grécia.

Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2006b). Estudo das características psicométricas da escala de medida de manifestação de bem-estar. In I. Leal, J.L. Ribeiro, & S.N. Jesus (Eds.), *Actas do 6.º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde Saúde, Bem-Estar e Qualidade de Vida* (pp. 53-58). Lisboa: ISPA Edições.

Nada Raja, S., McGee, R., & Stanton, W.R. (1992). Perceived attachments to parents and peers and psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 21, 471-485.

Pascarella, E.T., & Terenzini, P.T. (1979). Interaction effects in Spady and Tinto's conceptual models of college attrition. *Sociology of Education*, 52(4), 197-210.

Paterson, J., Pryor, J., & Field, J. (1994). Adolescents' perceptions of their attachment relationships with their mothers, fathers, and friends. *Journal of Youth and Adolescence*, 23, 579-600.

- Paterson, J., Pryor, J., & Field, J. (1995). Adolescent attachment to parents and friends in relation to aspects of self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 24, 365-376.
- Pereira, A. (1997). *Helping students cope: Peer counselling in higher education*. Dissertação de doutoramento. Hull, Universidade de Hull, U. K. (Grã-Bretanha).
- Pereira, A. (2001). Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. In J. Tavares (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Shields, N. (2001). Stress, active coping, and academic performance among persisting and nonpersisting college students. *Journal of Applied Biobehavioral Research*, 6, 65-81.
- Silva, M.G., & Costa, M.E. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Análise Psicológica*, 18(2), 9-32.
- Tinto, V. (1993). *Leaving college: Rethinking the causes and cures of student attrition* (2nd ed.). Chicago: University of Chicago.
- Trinke, S.J., & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 603-625.
- Wilkinson, R.B. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, 479-493.
- Wintre, M.G., & Yaffe, M. (2000). First-year students' adjustment to university life as a function of relationships with parents. *Journal of Adolescent Research*, 15(1), 9-37.